

ASSIM COMO EM CRISTO, SEJA EM VÓS

Exegese de Fl 2,1-5

Isidoro Mazzarolo

Introdução

Paulo usa a teologia do exemplo de Cristo para moldar um novo jeito de ser na comunidade de Filipos. A secção 2,1-5, como um prólogo ao hino cristológico 2,6-11, coloca alguns pontos importantes na dimensão eclesiológica no conjunto dos ensinamentos da carta. Aquilo que estava no coração de Cristo, na sua mente, no seu olhar e agir é o que precisa estar no cristão. O texto 2,5 é de capital importância para a perspectiva prática da imitação de Cristo. Nada do que não estava em Cristo pode estar no Cristão!

¹Portanto, se há algum conforto em Cristo, se algum encorajamento de amor, se alguma comunhão no Espírito, se alguma cordialidade¹ e compaixão², ² completai o meu júbilo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa. ³Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. ⁴Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros. ⁵De sorte que seja em vós aquilo que era também em Cristo Jesus.

Nada por rixas ou contendas

A cristologia dessa secção passa da teoria à práxis. O olhar privilegiado é voltado para o comportamento e as relações recíprocas na comunidade. O anúncio do Evangelho não pode ficar à deriva de rixas e disputas de pessoas meio desequilibradas (1,15-17), nem mesmo entre Evódia e Síntique (4,2), mas é mister encontrar uma via comum e que seja palmilhada por todos.

Se existe um conforto (*paráklêsis*) em Cristo, então seja Cristo a razão e o fundamento. O Apóstolo já havia afirmado que o motivo de suportar tantos sofrimentos era Cristo, pois Ele é também a esperança de prêmio e consolação (1,21-23).

Se há uma persuasão do amor (*paramythion agápês*), que ela seja em Cristo. Ninguém deve buscar em si próprio a razão de entrar na comunidade, fazer-se batizar ou querer anunciar o Evangelho. De modo análogo a comunhão de espírito (*koinônia*

1. O lexema (entranhas, vísceras...) está no plural, no entanto, para uma melhor compreensão, preferi traduzir para o singular, em virtude da opção de tradução. Vísceras não seria uma boa interpretação do vocábulo grego.

2. A compaixão é a virtude das entranhas, do íntimo e dos sentimentos profundos de sintonia no lado interno da vida, onde todas as situações externas deixam de ser importantes. No âmago do ser, *somos todos iguais*.

pneumatós) deve estar em Cristo. Há diferentes motivações para reunir pessoas: uma é a busca empresarial, o crescimento econômico ou o desejo de “subir” na vida, enriquecer e alcançar suas metas individuais; a outra forma é reunir-se em torno de objetivos maiores, tais como, participar da vida dos outros através da solidariedade, a busca do bem social e o amor comprometido e profético em situações específicas. Essa exortação se aproxima da parênese aos Romanos (Rm 12,1-15; 15,5; 1Cor 1,10-16; 2Cor 13,11-13), onde Paulo conclui que o amor não é hipócrita.

Assumir o evangelho é plenificar o evangelizador

O uso do imperativo reforça a intenção do escritor: plenificai (*plerôsate*) a minha alegria, completai, preenchei, aumentai a minha alegria, por que há muitos que querem aumentar meu sofrimento com sua ironia e sarcasmo (1,15-17). Quer Paulo, quer a comunidade, tinha diante de si “cães” e “mutilados” como ameaças (3,2).

A força que a comunidade de Filipos representava para o estímulo do evangelizador era muito grande. A razão de tudo era Cristo, por isso, a teologia é cristocêntrica acompanhada de uma clara pneumatologia e uma antropologia. O que passa por Cristo tem comunhão no Espírito e isso faz acontecer a persuasão no amor, a complacência e a compaixão (2,1).

O verbo *phronéô*, que significa pensar, raciocinar e conceber, aparece repetido como forma intensiva de alertar para a necessidade de superar a superficialidade (*phronête*, *phronountes*).

Na segunda parte do verso há uma petição com a expressão *sympsichoi*, isto é, com unidade de mente, uma só alma, um só pensamento. A unidade está na outra face da divisão, da ruptura. A unidade é imperativa para o funcionamento do corpo (1Cor 12,12-21). A composição é *sym* = com e *psichê* = mente, a qual quer enfatizar o pleno entendimento para superar os desentendimentos (1,27; 2,14; 4,2). As pessoas, evangelizadores e evangelizados, precisariam encontrar o caminho da perfeita harmonia e entendimento; em outras palavras, a sincronia do pensamento e ação.

Não é suficiente estar junto para ser comunidade ou comunhão. Comungar é interagir, participar e partilhar mais que o espaço, as coisas e algumas atividades. É estar em comunhão de sentimentos, de empatia, de tensão energética. As motivações que originam a união devem ser as mesmas.

Ser *sympsichos* significa uma só mente, um só pensamento, uma só motivação. A física quântica desenvolve muito, talvez excessivamente, o sentido e a força das emoções. Na verdade, quando alguém tem comunhão, quando está em comunhão, tudo o que faz vai além da presença, ultrapassa aquilo que é visível aos olhos, se comunica à distância. Uma só mente, uma só alma, um só e mesmo espírito que move e justifica a ação. Na verdade, como é comum para as religiões orientais, seria a energia cósmica, ou, para a física, a energia quântica. Jesus fala do amor incondicional (Lc 6,27-42); da compaixão libertadora do samaritano (Lc 10,29-37), assim como Paulo fala da oferta da própria vida como processo de transformação de si em favor de outros e da não hipocrisia do amor (Rm 12,1-9).

Três diretivas são propostas nos v. 2-4:

v. 2. *unidade* (nenhuma rixa)

v. 3. *humildade* (nenhuma futilidade)

v. 4. *solicitude* (tudo por dedicação)³.

Se em 2,15-16 Paulo se manifestava complacente e benévolo, mesmo com quem anunciava por rivalidade ou inveja, ao menos em parte, agora ele se expressa de modo claro e taxativo: *nada* por inveja, porfia, concorrência ou deslealdade. Todos devem estar voltados para um escopo comum: a *paráclêsis em Cristo* e a *koinônia* no agápê (2,1).

Filipos é uma comunidade formada, prioritariamente, de greco-romanos. Entre eles havia muitas coisas boas, mas dois elementos da cultura grega criavam dificuldades para o cristianismo: a) *O individualismo* – esse princípio fazia com que as pessoas se bastassem a si próprias, não precisando das outras, não necessitando da comunidade. O individualismo estava no lado oposto da comunhão que é uma exigência fundamental para o cristão; b) *A gnôsis* – essa era considerada uma virtude ou um privilégio dos instruídos, dos letrados os quais se consideravam, ao menos, um degrau mais alto que os outros. Esse ar de superioridade gerava uma falsa consciência de grandeza, de necessidade de privilégios e de descompromisso com a solidariedade, ao qual Paulo chama de *kenodoxia*⁴.

Ao fazer essas exigências, Paulo sabia que a vivência cristã exigia uma grande maturidade antropológica, um equilíbrio emocional e muita virtude. Como poderiam os filipenses assumir a “*tapeinôphrosynê*” sem esvaziar-se da *kenodoxia*? Como fariam os filipenses viver a “*sympsychia* no agápê” sem a *kênôsis* da “vã glória”? Só a maturidade humana permitiria esvaziar-se de tudo o que era falho para plenificar-se no amor e na diaconia aos outros, considerando-os sempre acima (2,4).

Nada por “vã-glória” (vanglória)

Nada aconteça motivado pela disputa, pela deslealdade ou rivalidade. As futilidades banalizam o sentido da vida. A sintonia deveria harmonizar o diferente, o individual com o coletivo de tal forma que pudesse haver um só espírito e uma só alma (1,28).

Há um veto duplo e explícito: *nada por rivalidade* (cf. 1,17) e *nada por vanglória* (vã – glória = *kenodoxia*). O Apóstolo conhece por experiência os resultados da rivalidade, da oposição, daqueles invejosos que “espiavam a liberdade” e a autonomia do Evangelho (Gl 2,1-4). Aqueles que se consideravam os fiscais da fé, não contribuíam para a missão tornavam-na inútil.

A *kenodoxia* é a opinião, a postura, a filosofia de ação vazia. Paulo aborda esse tema também em Gl 5,26. As rixas, discórdias, rivalidades seriam o caminho do esva-

3. HENDRIKSEN, W. *Filipenses*, p. 131, propõe as três virtudes: a unidade, a humildade e a solicitude, mas eu decidi acrescentar e complementar com a segunda parte.

4. MAZZAROLO, I. *Paulo de Tarso, tópicos de antropologia bíblica*, p. 31-32; 39.

ziamento da Boa Nova e a vitória dos esquemas continuistas das tradições antigas. Aquilo que já era caduco recuperaria sua vigência. As preocupações de Paulo eram muito pertinentes ao tempo e momento em que escrevia. Filipos tinha a sinagoga e tinha também seus habitantes. Sua composição social era de muitos militares que gostavam de títulos, como de *praetor, strategos ou rabdoukos* (At 16,35).

A ostentação e o orgulho geram a vanglória (*glória vã, honra fútil e barata*). Tudo o que é fútil pode ser considerado fantasia e ilusão (cf. Rm 12,8.10). A energia despendida com futilidades torna-se energia perdida, mal utilizada e faz a vida perder seu sentido.

A humildade é o antídoto para a vanglória, para todo aquele que vive da *kenodoxia* (vanglória) é preciso tratá-lo com o antiveneno que é a *tapeinofrosynê* (humildade). Se Filipos era uma colônia romana, a Igreja deveria ser uma colônia dos céus⁵. Essa cidadania de Cristo (1,27) se estabelece na humildade *reconhecendo que o outro é maior e está acima*.

Essa é a nova regra da convivência: *o outro é maior!* O exemplo ou a lição máxima nessa perspectiva é o “lava-pés” (Jo 13,1-20). A *tapeinofrosynê allêlous* revela uma política de alternâncias, uma reciprocidade invertida, pois *o outro é maior do que eu*, mas para o outro, na direção inversa, *eu devo ser maior*. *Tapeinofrosynê* é a virtude decorrente do ato de humilhar-se, rebaixar-se (*tapeinóô*, v. 8), na lição máxima do exemplo de Jesus, que abdica da condição de Deus para assumir a condição de servo. O sentido teológico desse comportamento pode ter origem muito antiga, no mundo gnóstico e nas tradições rabínicas veterotestamentárias. Particularmente na gnose era o caminho da virtude da perfeição, também encontrado na espiritualidade dos homens de Qumran⁶. Esse “modus vivendi” necessita de um processo de transformação nos conceitos de identidade/alteridade, de indivíduo/comunidade e comunidade/sociedade. Ninguém pode eximir-se da participação, da ação direta e indireta da humildade, da renúncia de si em favor do outro: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos” (Mc 10,45).

A humildade *allêlous* na alternância de lugares, posições e funções espelha a vocação assumida por Paulo diante de todas as comunidades por ele visitadas, re-visitadas e alicerça a teologia paulina do serviço. Essa posição de Paulo consolida os princípios da fraternidade cristã e torna manifesta sua autonomia e autoridade sócio-político-antropológica atestando que a conduta cristã não se pauta numa isonomia ou igualitarismo socialista-comunista, mas na *minoridade*: Aquele que quer ser o maior seja aquele que serve (Mc 10,43-44). O cristianismo distingue-se de qualquer esquema sociológico-comunista ou socialista. A minoridade é o único horizonte para enfocar a fraternidade e o Evangelho.

5. FEE, G. *Paul's Letter to the Philipians*, p. 162.

6. TDNT, v. VIII, “*tapeinofrosynê*”. Ao pedir a humildade da igreja de Filipos, Paulo entende que é uma via pedagógica de controle da *eritheia* (rivalidade) e da *kenodoxia* (vanglória), elementos cruciais e perniciosos à construção do Evangelho.

As comunidades cristãs primitivas não precisavam de modelos políticos para traçar suas linhas de ação. Eles participavam assiduamente nos ensinamentos dos apóstolos, encontravam-se frequentemente para a oração comum, partilhavam o pão nas casas, tinham tudo em comum e cada um se servia segundo as próprias necessidades (At 2,42-46). Esse é o modelo sociopolítico perfeito.

Enquanto o outro for considerado acima, maior que a si próprio, haverá motivações éticas, antropológicas e teológicas para resgatá-lo e libertá-lo de suas situações adversas (cf. Lc 4,18-19; Is 61,1-2). Nada, no entanto, se fará sem muita humildade e respeito. Quando o outro, indiscriminadamente, for considerado maior e superior, a diaconia funcionará e suprirá suas necessidades. Nela estarão também a graça, a verdade e a justiça.

Algumas pontuações pedagógicas do prólogo (2,1-5), como teologia do exemplo:

- a. Em Cristo há: um apelo a ser como Ele; um estímulo no amor; uma comunhão no Espírito; um impulso para o afeto e uma provocação à compaixão (2,1);
- b. Diante dessa realidade que está *em Cristo*, faz-se mister: viver na plenitude do amor; ter uma vida única nos sentimentos, *sympsychoi* (2,2);
- c. Nada pode ser feito por disputas; nada por futilidade (*kenodoxia*); tudo com humildade; sempre o outro acima e em primeiro lugar (2,3);
- d. Não deve valer o ditado: cada um para si e Deus para todos, mas a humildade recíproca; o outro tem sempre prioridade (2,4-5).

Isso é o que estava em Jesus Cristo; por isso, todo discípulo deve estar com seu Mestre, dessa forma, com esses sentimentos, com esse comportamento. É isso que deve haver entre vós, ou seja, segundo a perspectiva paulina, é aquilo que deve ter lugar na vida da comunidade⁷. Aquilo que está em Cristo, seja em vós, em outras palavras, assim como em Cristo, também em vós. Não se trata de uma mera sugestão ou conselho, mas de um imperativo. *Isso tem que estar entre vós!* Não há escusas. Em Cristo estava a *sympsychia* no *agápê* e a *koinônia* no *Espírito* (2,1), assim seja entre vós, como um paralelismo pedagógico e comprometedor sob uma condição imprescindível para que haja discipulado e missão.

A autonomia de Jesus na descida e a presença de Deus na subida!

A *kênosis* representa o *descer na humilhação* (2,6-8) para tornar a *subir na glória* (2,9-11), mas precedida de uma espiritualidade, de uma fonte dinâmica de vida e uma fé inquebrantável para ir até o fim e até às últimas consequências, estabelecidas no prólogo do hino (2,1-5). Toda a subida corresponde a uma descida, e o inverso também é verdadeiro. A exaltação é proporcionalmente inversa à humilhação ou abaixamento.

7. FEE, G. *Philippians*, p. 200.

Da forma de Deus à forma de servo crucificado, e da prostração da morte de cruz à confissão universal como Cristo Senhor para a glória de Deus Pai.

Assim em vós aquilo que há em Cristo

A conclusão do prólogo (2,1-5) pode também servir como abertura do hino cristológico, feita com uma introdução que pode ser chamada de parênese volitiva, um desejo, mas que é mais que um desejo, é uma exortação. O verbo *phronein* pode ser traduzido de modo simplista e entender que se trata de pensar, raciocinar, etc. No entanto, podemos compreender essa expressão como algo mais profundo, mais sério. Em lugar de pensar, arte de pensar⁸, podemos conferir um sentido que seja correspondente ao contexto.

Phronein,⁹ aqui, pode ser interpretado como introjetar, introspectar, encarnar. Aquilo que é introjetado é assimilado e se torna vida, passa a uma forma e modo de ser, portanto, muito mais que pensar. Por isso traduzimos como “ser”, não se trata apenas de pensar, mas de um *modus vivendi, uma qualidade do ser*. Tudo aquilo que povoava o coração, a mente, os gestos e palavras de Jesus deveriam *estar* nos cristãos.

O sentido amplo de *phronein* se aproxima de *ação, atitude, forma de ser*. A versão da Bíblia inglesa “King James” substitui a preposição “*en*” na segunda parte do v. 5, pelo verbo ser “*ên*”, forçando a leitura da primeira parte: “Tende em vós os mesmos sentimentos que *estavam* em Cristo Jesus”. Essa tentativa de melhorar ou aclarar o sentido da frase é desnecessária em virtude da presença da preposição que indica o caso dativo afirmativo: nele havia determinados padrões de comportamento resultantes de uma forma de pensar.

Por outro lado, o ponto de referência é aquilo que está em Cristo Jesus. Invertendo a reflexão, podemos dizer: *aquilo que é em Cristo, seja em vós!* Tudo o que estava em Cristo deve estar no cristão. O Apóstolo já havia dito à comunidade que ele era um exemplo dessa introjeção de Jesus Cristo nele: Para mim, viver é Cristo e morrer é vantajoso (1,21). Em outra oportunidade, escrevendo aos Gálatas, afirma que a sua intimidade com Cristo havia produzido uma espécie de simbiose e era difícil saber quem estava vivendo, se ele ou Jesus Cristo (Gl 2,20).

Se por um lado ele podia ter esse cândido orgulho, por outro, ele não deixava de oferecer testemunhos de humildade e pequenez, como em 1Cor 15,9 – “o menor dos Apóstolos”; em Ef 3,8 – “o menor dos menores de todos os santos”; em 1Tm 1,15 – “o principal dos pecadores”¹⁰.

Käsemann tentou interpretar o v. 5 acrescentando o verbo *phronein* na segunda parte: “*Pensai* entre vós aquilo que *pensou* Cristo Jesus”¹¹. Deissmann sugere que a lei-

8. BAUER, W. *Wörterbuch zum Neuen Testament, phronein*.

9. BRUCE, F.F. *Filipenses*, p. 75, na tradução de *phronein* 2,5 coloca “pensar”, mas no comentário entende que é melhor o verbo haver, assim diz: “Que haja em vós o mesmo sentimento que em Cristo Jesus”.

10. HENDRIKSEN, W. *Filipenses*, p. 134.

11. SILVA, M. *Philippians*, p. 95.

tura do v. 5 seja feita ou complementada como a exortação em 4,2: “Exorto, pois, Evódia e Síntique a *pensar no Senhor* (*phronein en kyriô*)”¹². Hendriksen entende de modo um pouco diferente: “Tende em vosso interior a forma de pensar que (teve) Cristo Jesus”¹³. Não se trata aqui de uma forma de pensar, mas do todo da vida, que envolve também o pensar como espaço de planejamento, de concepção da ideia revertida na ação, de filosofia de vida. Fowl avança um pouco mais: “Deixai isso ser em vós, o jeito de pensar, agir e sentir o qual estava em Cristo Jesus”¹⁴.

Nesse contexto, trata-se de uma preparação para o hino do exemplo 2,6-11. Essa preparação teria começado em 1,27-2,4 a fim de que agora os leitores soubessem como e por que havia essa insistência. Pensar, sentir e agir – aquilo que motivou as ações e palavras de Cristo Jesus – deveriam ser os mesmos para os cristãos. Estaria essa grande complexidade de sentido também envolvida no pronome *touto* – isso. O pronome é um resumo do que foi exposto ou dito anteriormente, assim “isso” aponta para tudo o que já era do conhecimento dos leitores.

Outra forma de interpretar *phronein* é a de Boice: “Vossa atitude deve ser semelhante à de Cristo Jesus”¹⁵. O mesmo sentido é atribuído por Bockmuehl, o qual traduz: “A mesma atitude deveis ter entre vós, a qual está em Cristo Jesus”¹⁶. Boice acredita que no substrato desse hino da *kênosis* está o combate a Satanás em Is 14,13-14. Satanás busca galgar os mais altos degraus do poder até chegar aos céus, acima das estrelas de Deus. É possível que um pecado semelhante estivesse colocando em crise a autoridade e o comportamento dos cristãos em Filipos, mas isso não está visível na carta. O que temos como perigo, além das confusões dos anunciadores (Fl 1,15-16), é a dificuldade de entendimento entre Evódia e Síntique (4,2). Os inimigos da comunidade são externos (eles são cães, maus obreiros, mutilados 3,2) e por isso essa relação com Is 14,13-14 não é muito adequada para confrontar Satanás (em Isaías) e Jesus no hino da *kênosis* (2,6-11). Os inimigos da igreja de Filipos são inimigos de Paulo, os inimigos de Paulo são inimigos da cruz de Cristo (3,18).

Tudo o que *identificava Jesus deveria identificar o cristão*, o que estava em Cristo deveria estar no discípulo. O que era nele (ser, fazer, pensar, construir) seja em vós, agora. Que ao ver-vos vejam o Cristo! É mais do que ter atitudes ou ter sentimentos como os de Cristo¹⁷. A humildade é um dos aspectos do comportamento de Cristo. No lava-pés (Jo 13,1-17) encontramos *um gesto pedagógico*, mas isso não é o todo de Cristo. Ele teve essa atitude porque na sua mente havia outra forma de olhar a realidade. A ação é a expressão da ideia, da articulação da razão, da espiritualidade e cons-

12. SILVA, M. *Philippians*, p. 96.

13. Cf. HENDRIKSEN, W. *Filipenses*, p. 137, citando Deissmann.

14. FOWL, S.E. *Philippians*, p. 88.

15. BOICE, J.M. *Philippians*, p. 108. O autor acredita que, inspirado em Is 14,13-14, Paulo teria composto o hino cristológico, ao qual ele chama de “a grande parábola”.

16. BOCKMUEHL, M. *The Epistle to the Philippians*, p. 114.

17. MacARTHUR, J. *Philippians*, p. 129.

ciência sociopolítica. Assim a obediência espelhada no poema 2,5-11 é resultado de uma consciência de ser que pode ser entendida como resposta ao Pai, pela sua condição de divindade e humanidade¹⁸.

Isidoro Mazzarolo
mazzarolo.isidoro@gmail.com
www.mazzarolo.pro.br

18. THILMAN, F. *Philippians*, p. 122.